



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Clarissa de Oliveira Pinto Levy
Manoela dos Santos Bonaldo**

Rivotril, enxada e fé

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos*
Experimentais ministrada pelo Prof.
Fernando Antonio Crocomo no
segundo semestre de 2019
Orientadora: Prof^a. Daisi Vogel

**Florianópolis
Dezembro de 2019**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2019.2		
ALUNO	Clarissa de Oliveira Pinto Levy e Manoela dos Santos Bonaldo		
TÍTULO	Rivotril, enxada e fé		
ORIENTADOR A	Daisi Irmgard Vogel		
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ()	() Florianópolis (x) Brasil (x) Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Multimídia; fomicultura; trabalho; saúde mental; gênero; audiovisual		
RESUMO	<p>Este trabalho de conclusão de curso investiga a saúde mental de famílias que plantam fumo no interior de Santa Catarina. A reportagem busca compreender as condições de vida dos que garantem ao Brasil o posto de maior exportador de fumo em folhas do mundo. A narrativa, em formato multimídia, explora as nuances do trabalho sob o Sistema Integrado de Produção, um mecanismo que garante poder às indústrias do cigarro ao retirar a autonomia das famílias agricultoras. A reportagem também discute a sobrecarga de trabalho nas mulheres e a desigualdade de poder estabelecida entre elas e os homens, configurando relação de dependência e, em alguns casos, abuso e violência. Assim, o trabalho conta histórias de dívidas, ansiedades, uso generalizado de medicamentos psiquiátricos e depressão de trabalhadores do campo dessa cadeia produtiva que, em 2018, movimentou US\$ 1,89 bi.</p>		

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Cláudia, que me ensinou a importância da beleza, da coragem e da disciplina.

Aos irmãos Marta, Marina e Vicente, fontes de amparo e princípios.

Ao Sacha, companheiro das verdades alegres. À Fê, amiga do sol. À Nati, médica de almas.

Aos queridos Pará, Jessi, Luísa, Thatha, Bea, Dessa, Matê, Clara, Isa, Vieira, Milezzi, Toth, Lari, Lacombe, Carol, Schaeffer, Elena, Diana, Marat, Leo, Anastasia, Edu e Leandro pelas partilhas de afeto e sabedoria.

Aos camaradas das Brigadas Populares e do Movimento Estudantil, pela força e compromisso com a construção de um Brasil onde caibam todas e todos.

Ao mestre e querido amigo Samuca, pelo exemplo de entusiasmo e confiança no jornalismo.

Aos fundamentais Rodrigo, Luciano, Fabi, Aninha, Theo, Pat, Dona Regina, MCs da Batalha das Mina, Coletivo Jornalismo sem Machismo, trabalhadores do RU, Zida, Nino, Gabs, professores inspiradores e meu pai Paulo, por viabilizarem a finalização de meus estudos.

À Manoela e Daisi pela parceria e olhares neste trabalho.

Ao povo brasileiro, por financiar minha formação em uma universidade pública, gratuita e excelente.

Com amor e coração, Clarissa.

Agradeço à Regina, minha mãe, por se dedicar a mim com todo afeto e cuidado do mundo. Na verdade não existe uma palavra suficiente que consiga transmitir essa gratidão.

Eu amo muito você.

À minha avó, Dina, por ter me incentivado desde meus primeiros anos a priorizar os estudos, e por ser essa pessoa engenhosa e leal. Embora você não esteja entre nós de maneira física, eu sei que nos acompanha nas muitas dimensões onde a existência humana acontece. Tão filha deste Desterro cheio de magia, como quem lança feitiço plantou em mim a coragem para ser o que eu quisesse.

E assim fui pro mundo. Obrigada.

À minha tia Tereza, sempre trazendo a erva ou chá adequado para acalmar as feridas do corpo e coração. Obrigada por todo o afeto e palavras doces.

À Ana Luíza e Ariadne, amigas de longe, mas que sempre dão um jeito de enviar um pouco de afeto, não importa quanto tempo passe.

Ao Eduardo, por ser meu Carnaval, fazer eu me sentir muito amada e dizer sim à todas as minhas ideias sem pensar duas vezes.

À Deia, Érsio, Simone, Márcia, Ivonete, Andreza, Sidnei, Toia, Silvestre, Theodora, José, Silvoni, Rogério, Vanessa, José Augusto, por abrirem as portas de suas casas e doarem um pouco de tempo para dividir conosco suas histórias.

À Janaína, Karen, Itamar, Luís Eduardo, Amadeu, Clécio e Vitória por nos permitirem compreender e abordar a situação dos fumicultores de forma mais lúcida.

Ao Gabriel Volinger e sua família querida, Zida, Nino, Cris, Migo e Universo, por nos recebem e nos tratarem como se fôssemos da família. Nosso trabalho não seria tão completo sem a ajuda de vocês.

Aos amigos do curso de Jornalismo que tornaram essa estadia de quatro anos e meio mais alegre. Carol, Victor, Beatriz, Duda, Linda, Manie, Pedro, Camila, Priscila, Luísa e Fernanda, vocês são jornalistas incríveis.

À Clarissa, pela companhia e dedicação na produção deste trabalho.

Ao Coletivo Jornalismo sem Machismo, por ser a manifestação do poder transformador das mulheres.

Aos professores do curso de Jornalismo pela dedicação em nos transmitir a profissão. Um agradecimento especial ao Samuca, Gislene, Aglair, Valentina, Isabel, Daiane, Fernanda e Sílvia, pelos momentos de carinho e suporte.

À Daisi, por ser assertiva ao orientar o trabalho e nos ajudar a construí-lo. E também pelo carinho e amparo que você teve por mim nos momentos de dúvida e inquietação que tive nos últimos anos.

À Fernanda, por ter sido a chefe mais legal de todas. Foi lindo trabalhar contigo e ver o Miguel crescer e vir ao mundo. Obrigada também Raquel, Marcinho, Ike e Marquinhos pelos dias alegres na FCC.

Ao Benoit, por ter sido a única pessoa a receber com alegria e incentivar minha mudança do curso de Arquitetura e Urbanismo para Jornalismo. Obrigada por ter me ajudado a encontrar meu caminho.

Obrigada à Universidade Federal de Santa Catarina, por ser a casa onde pude me construir da maneira que eu mesma quis. E também toda/o brasileira/o que financia o Ensino Superior Público.

A vocês, desejo todo o afeto do mundo. Com carinho, Manoela.

SUMÁRIO

1 RESUMO	5
2 INTRODUÇÃO	6
2.1 A produção de tabaco no Brasil e no Mundo	6
2.2 O sistema integrado de produção	7
2.3 Condição socioeconômica das famílias fumicultoras	9
2.4 Os prejuízos na saúde causados pela fumicultura	10
3 JUSTIFICATIVA DA ABORDAGEM	12
3.1 Do Tema	12
3.2 Da angulação	15
3.3 Do formato	16
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO	17
4.1 Pré-apuração	14
4.2 Apuração	18
4.3 Edição e Finalização	25
5 RECURSOS	26
5.1 Equipamentos, suportes de edição e finalização	26
6 CUSTOS	27
7 DIFICULDADES E APRENDIZADOS	28
8 LINK PARA A REPORTAGEM MULTIMÍDIA	31
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS	34

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga a saúde mental de famílias que plantam fumo no interior de Santa Catarina. A reportagem busca compreender as condições de vida dos que garantem ao Brasil o posto de maior exportador de fumo em folhas do mundo. A narrativa, em formato multimídia, explora as nuances do trabalho sob o Sistema Integrado de Produção, um mecanismo que garante poder às indústrias do cigarro ao retirar a autonomia das famílias agricultoras. A reportagem também discute a sobrecarga de trabalho nas mulheres e a desigualdade de poder estabelecida entre elas e os homens, configurando relação de dependência e, em alguns casos, abuso e violência. Assim, o trabalho conta histórias de dívidas, ansiedades, uso generalizado de medicamentos psiquiátricos e depressão de trabalhadores do campo dessa cadeia produtiva que, em 2018, movimentou US\$ 1,89 bi.

Palavras-chave: Jornalismo, Fumicultura, Saúde mental, Trabalho, Gênero, Audiovisual

2. INTRODUÇÃO

Desenvolvemos este trabalho porque confiamos no potencial do jornalismo para criar conhecimento. E porque apostamos na reportagem jornalística como uma produção humana capaz de aprofundar a empatia de nossa sociedade, elaborar sínteses úteis sobre conflitos contemporâneos e contribuir para a construção de novas realidades.

Ao longo dos textos e vídeos que compõem nosso especial multimídia contamos histórias de agricultoras(es) catarinenses calejadas(os) por um cotidiano de dupla dependência. O compromisso de nossa reportagem é registrar nuances da vida de produtores de fumo que, para viver, dependem da indústria fumageira e da indústria farmacêutica. A narrativa conta sobre o plantio do fumo necessário para gerar renda e sobre o consumo de remédios antidepressivos indispensáveis para garantir a continuidade do trabalho. Através de relatos audiovisuais e textuais tratamos do sistema de produção do fumo brasileiro e das condições de reprodução da vida de agricultores empobrecidos.

2.1 A produção do tabaco no Brasil e no mundo

O Brasil é um gigante na produção de fumo. Segundo informações da Food Agriculture Organization, somos o país que mais exporta e o segundo maior produtor de tabaco do mundo.

O ‘dom’ brasileiro para produção de tabaco é antigo: já no período colonial as terras brasileiras eram coalhadas de cultivos fumageiros. No Brasil de Dom Pedro I, a bandeira exibia ao centro dois ramos vegetais, um de fumo e um de café, as duas riquezas do Império. Séculos depois, entre 2015 e 2018, as exportações do setor alcançam a média de 440 mil toneladas/ano, movimentando US\$ 1,89 bilhões.

Atualmente, a produção de tabaco é relevante na economia nacional. É determinante na economia agrícola dos municípios interioranos onde é plantado. As roças de fumo são a fonte de sustento de muitas(os) colonas(os) que vivem o Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná. Cerca de 140 mil agricultores familiares, distribuídos em 619 municípios dos estados da região Sul são responsáveis por 98% da produção nacional (AFUBRA, 2019). Em Santa Catarina aproximadamente 220 municípios plantam o fumo. Destes, concentram a maior produtividade Itaiópolis, Canoinhas e Santa Terezinha, respectivamente.

Em âmbito mundial, a produção da folha de tabaco é concentrada em países em desenvolvimento, como China, Brasil e Índia, e a cadeia produtiva é composta por mais de 100 milhões de pessoas. De acordo com uma pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a produção do tabaco é formada por uma longa rede de trabalhadores nos três setores: agrícola, manufatura e serviços, vendas e distribuição. Comparado a outras culturas, o tabaco precisa

de muita mão de obra por hectare, mesmo quando a produção é mecanizada. Mas, no Brasil, as roças de fumo não contam com maquinário para ajudar no cultivo. A maior parte do trabalho é manual.

A pesquisa da OMS também relata a diferença do preço do tabaco desde seu cultivo até a venda de cigarros prontos. Os trabalhadores rurais recebem um lucro muito baixo quando comparado ao preço final no fim da cadeia de produção. Estima-se que a tonelada de tabaco vê seu valor se multiplicar por 47,2 vezes ao longo de todo o processo. O negócio é, portanto, bastante lucrativo: o mercado do fumo chega a movimentar cerca de 699 bilhões de dólares ao ano.

2.2 O Sistema Integrado de produção

Apesar da geração de renda no campo e dos altos índices de produtividade sustentarem a narrativa positiva disseminada pela indústria fumageira no Brasil, a riqueza do setor não se reflete nas condições de vida dos plantadores de fumo. O modelo de negócio da produção das folhas de tabaco funciona a partir de um sistema de integração entre os pequenos agricultores e as grandes empresas, as quais fornecem os insumos para em seguida comprar a produção.

No sul brasileiro, as gigantes British American Tobacco através da Souza Cruz e a Universal Leaf dominam as etapas de produção. Entregam as sementes e os agrotóxicos necessários para o cultivo diretamente na propriedade do agricultor. Os fumicultores que servem as empresas são considerados ‘integrados’, o que na prática significa que se comprometem a seguir à risca as recomendações da empresa, alterando o manejo em suas propriedades sempre que for solicitado. Em resumo, as empresas do tabaco exercem controle sobre todos os aspectos do cultivo do fumo no Brasil, sem arcar com quaisquer riscos (DESER, 2007).

A cada ano é firmado um contrato entre fumicultor e empresa com a quantia exata de produção que a fumageira se compromete a comprar ao fim da safra. O preço final da compra varia, dependendo das variações do mercado e da classificação das folhas. Assim, apesar dos agricultores terem a segurança que toda a produção será escoada, nunca sabem ao certo qual será a rentabilidade do trabalho anual.

Nesse sistema, mesmo que os produtores sejam proprietários de terras, são subordinados à indústria em um esquema garantido pelas condições contratuais. A pesquisa intitulada *Fumo: servidão moderna e violação de direitos humanos*, publicada por Guilherme de Almeida em 2005, aponta que o sistema de integração estimula a competição nas áreas rurais criando uma noção de empreendedor, *self-made-man*, ao mesmo tempo em que tolhe a autonomia dos agricultores, deixando-os sempre nas mãos das empresas. O autor chama atenção para a ausência de garantia de direitos humanos, sociais, econômicos e trabalhistas que paira sobre o cultivo de tabaco brasileiro. Segundo a síntese de Almeida,

Desenvolvida em pequenas propriedades familiares, a cultura do fumo resulta na mais arcaica forma de servidão, numa quase escravidão, pois o produto tem valor, e o trabalho para produzi-lo não. O “pacote tecnológico” das transnacionais do fumo induz à obtenção do crédito por intermédio do aval das fumageiras junto às instituições bancárias e ao próprio governo federal, orienta e financia a compra dos insumos (fertilizantes, agrotóxicos e outros), tolhe a liberdade dos agricultores ao obrigá-los à comercialização dirigida da safra, bem como desvirtua a classificação do produto e, assim, escorcha a renda do agricultor conforme seus próprios interesses definidos pelo mercado internacional, além de eximir as fumageiras de quaisquer responsabilidades trabalhistas. (ALMEIDA, 2005, p. 149).

A análise do regime específico de exploração da força de trabalho no Sistema de Integração se relaciona com observações do teórico Slavoj Žižek sobre a noção de empreendedorismo individual na contemporaneidade. A conexão foi elaborada por uma outra pesquisa extensa sobre a fumicultura brasileira, intitulada *Vidas Tragadas* e publicada em 2019. No capítulo dedicado ao sistema de produção, as(os) autoras(es) recuperam Žižek para localizar a exploração do sistema de integração em um contexto amplo, que extrapola a realidade sul-brasileira:

Para a maioria das pessoas, ser um ‘empresário de si mesmo’ refere-se à capacidade do indivíduo de lidar com riscos terceirizados sem ter os recursos ou o poder necessário para fazê-lo de maneira adequada. (ŽIZEK, 2015, p. 87).

Os riscos genéricos apontados por Žižek são, principalmente, as variáveis climáticas e de classificação das folhas, se analisamos especificamente a fumicultura. Em consonância com o que aponta o teórico, na estrutura do sistema de integração as famílias fumicultoras são “empresárias de si mesmas” isso significando, na prática, que são vulneráveis e incapazes de lidar sozinhas com os riscos e incidentes da produção. Para ilustrar: as famílias dependem de financiamentos externos e sempre contratam um serviço de seguro para a lavoura em nome, geralmente, das fumageiras. Nessa realidade, a ideologia do empreendedorismo aparece na administração das contas, dívidas, perdas de produção e ausência de vínculo empregatício.

O endividamento é outra característica que chama atenção dentre as peculiaridades do sistema de integração. Dívidas são preocupações habituais nas regiões fumicultoras. Nesse sentido, uma tese de doutorado elaborada no Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2016, investiga as consequências das relações de trabalho no Sistema Integrado de Produção de Tabaco. Sua autora, Marisa Hartwig, aponta que o sistema de integração reduz os custos de produção, garantindo o aumento da produtividade das indústrias, na medida em que precariza as condições de vida dos fumicultores, conduzindo-os ao endividamento (HARTWIG, 2016, p.9). A pesquisa aponta,

a relação com a indústria integradora é de subordinação total. A partir do momento em que o agricultor integrado não atinge a produção estimada no contrato, inicia-se o processo de endividamento, que, de uma forma ou de outra, vai garantir a produção para a indústria, mesmo após o rompimento da integração, pois a dívida pendente deverá ser quitada com a produção de fumo.

Diante da exposição do processo de integração, pode-se observar que o campo não tem nada de idílico e que as relações sociais alicerçadas no modo de produção capitalista atualizam a lei geral do valor, quando se apropriam das mais diversas formas do fruto do trabalho, seja pelas extensas jornadas de trabalho, seja pelo preço pago pela mercadoria fumo, ou ainda pela exploração vigente nos contratos de compra e venda de folha de fumo, que não necessariamente expulsa os trabalhadores do campo, mas os condiciona as exigências de valorização do capital. (HARTWIG, 2016, p. 92).

2.3 Condição socioeconômica das famílias fumicultoras

De acordo com o pesquisador do Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Sociais (Deser), Amadeu Bonato, a boa renda oriunda do cultivo de fumo é restrita a um grupo bastante seleto de famílias, em torno de 25% delas. A maioria consegue, no máximo, sobreviver com a renda do fumo, e para um grupo de mais de 30% das famílias a renda líquida do fumo é inferior a dois salários mínimos mensais. Em termos de renda per capita, para 61% das famílias a renda mensal é inferior a um salário mínimo. Segundo o pesquisador, a renda do fumo não produz desenvolvimento humano e sustentável, pois grande parte dos municípios com forte dependência da cultura do fumo apresentam um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo.

Observando o total dos municípios produtores de fumo (independente de quanto produzem), no Paraná, dos 165 municípios produtores, 142 deles, ou seja 86%, possuem IDH abaixo do IDH estadual, que é 0,787. Em Santa Catarina, onde existem 251 municípios que produzem fumo, 214 (85%) tem IDH menor que o IDH do estado, que é 0,822. E, no Rio Grande do Sul, estado que possui o maior número de municípios produtores de fumo, num total de cerca de 347, cerca de 80% têm IDH menor que o do estado, que é 0,814. (BONATO, 2007, p.22)

A ‘terceirização’ da produção desloca para as(os) produtores todo o risco e responsabilidade pelo processo produtivo, deixando nas propriedades rurais as consequências do sistema de cultivo regado por agrotóxicos e insegurança financeira. Diferente de outras culturas, em que há alguma segurança contra adversidades climáticas, como granizo, excesso de chuvas ou períodos de seca, ou adversidades familiares, como luto ou doenças, os produtores de fumo são inteiramente responsáveis pelos imprevistos. Esse é um dos motivos que contribui para o surgimento de distúrbios psíquicos, tais como ansiedade e problemas no sono entre os produtores.

2.4 Os prejuízos na saúde causados pela fumicultura

O cultivo do tabaco causa danos a curto e longo prazo na saúde humana. O reconhecimento dos riscos dessa cultura à saúde não é recente. Segundo uma pesquisa desenvolvida na Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz), Bernardino Ramazzini registrou, no ano de 1713, vários sintomas, incluindo dores de cabeça e cólicas abdominais e atribuiu esses sintomas à exposição durante o cultivo do tabaco (RIQUINHO; HENNINGTON, 2012, P.1587). Ou seja, há mais de 300 anos um médico italiano já detectava sintomas da doença da folha verde do tabaco. Atualmente, a doença causada pela absorção cutânea da nicotina é catalogada como intoxicação aguda que tem como sintomas comuns: enjoos, vômitos, tonturas, dores de cabeça e abdominais. Chamada informalmente de *porre do fumo* nas regiões produtoras, é um mal comum durante o período final da safra. Ao colher, transportar e organizar as folhas nas estufas, as(os) agricultoras(os) se intoxicam com a nicotina que gera insônia e fraqueza ao fim do dia de trabalho. Mesmo dentre as(os) fumicultores habituados à lida, são comuns os relatos de problemas para dormir.

A mesma pesquisa da FioCruz aponta que, além dos sintomas que caracterizam o envenenamento por nicotina, existem impactos respiratórios e musculoesqueléticos resultantes da exposição a pesticidas (RIQUINHO; HENNINGTON, 2012, P.1589). O artigo também destaca a ocorrência de doenças mentais dentre agricultores. Como este trabalho se dedica à investigação das condições de saúde mental das famílias fumicultoras, introduziremos em mais detalhes os efeitos das fumicultura neste aspecto.

Como descrevemos na reportagem, a alta incidência de depressão entre as(os) fumicultores intriga pesquisadores desde o século passado. Um estudo de 1996 conecta o uso de pesticidas organofosforados na fumicultura e o aumento das taxas de suicídio em Venâncio Aires, um dos municípios com maior produção de tabaco no Rio Grande do Sul. A pesquisa apontou que, em 1995, o coeficiente de suicídio quase duplicou em relação aos dois anos anteriores. Isso aconteceu paralelamente à intensificação do uso de agrotóxicos na roça de tabaco, que havia passado dos habituais 50kg por hectare para quase 100 kg devido ao aumento na infestação de pragas naquele ano (FALK, 1996, p.3).

Os resultados alarmantes estimularam novos estudos sobre a saúde mental das(os) fumicultores. Ao longo dos anos, pesquisas sobre suicídio e depressão se multiplicaram na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O estado é o maior produtor de tabaco brasileiro e há décadas os municípios fumicultores gaúchos despontam com os maiores índices de suicídio do país.

Ao longo dos anos, constatou-se uma relação estreita entre o uso de agrotóxicos e o desenvolvimento de depressão. Duas pesquisas recentes concluem que a incidência de distúrbios psicológicos aumenta entre aqueles agricultores mais expostos aos pesticidas.

Um estudo feito em 2014 pelo Departamento de Epidemiologia e Medicina Social da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no Rio Grande do Sul, ouviu 2400 fumicultores do município de São Lourenço do Sul. Destes, 64% disseram que a atividade é extenuante. E 66% haviam tido contato direto com agrotóxicos no ano anterior. O levantamento aponta que as pessoas expostas aos agrotóxicos em ao menos sete situações (tais como aplicação, lavagem de equipamento, transporte, roupas) têm 88% mais chances de apresentar distúrbios psicológicos (FARIA, 2014, p.3).

A pesquisa foi publicada na *Neurotoxicology*, uma das principais revistas científicas especializadas no assunto do mundo. A conclusão diz:

O estudo reforça a evidência da associação entre envenenamento por pesticidas e distúrbios da saúde mental. Também aponta para o aumento do risco de Distúrbios Psiquiátricos Menores devido ao baixo status socioeconômico, à exposição dérmica a pesticidas e à exposição a organofosforados. Além disso, o estudo revela intensa exposição à nicotina como um risco para a saúde mental dos produtores de tabaco. (FARIA, 2014, p.3)

Dentre as pessoas que possuem distúrbios, o coeficiente de mulheres é superior ao de homens, e aquelas pessoas que declararam ter dívidas são as mais doentes, aponta a mesma pesquisa.

A ocorrência de suicídios nas regiões fumicultoras também chama a atenção. Levantamentos de dados de suicídio no DATASUS comprovam a alta incidência de suicídios em regiões fumicultoras. A média de ocorrências nestes municípios supera a média nacional.

A pesquisadora Vera Borges pesquisou os suicídios em municípios fumicultores em 4 estados da federação, a fim de investigar uma correlação entre a retirada da própria vida e a produção de tabaco. Os resultados da pesquisa, defendida como dissertação de mestrado no programa de Pós Graduação em Saúde Pública, na Fiocruz, delimitam que

não se pode concluir pela correlação entre suicídios e produção de fumo. No entanto, os dados de literatura, o processo de trabalho, a organização do trabalho e seus elementos, e o número de suicídios encontrados no presente estudo em regiões produtoras e não produtoras de fumo, com características similares, apontam evidências da associação entre suicídio e trabalhadores da fumicultura. (BORGES, 2016, p.141)

Neste estudo, foram analisadas as taxas de suicídio em municípios fumicultores e municípios não fumicultores que tinham índices de desenvolvimento humano similares. Foram encontrados entre 2004 a 2013, um total de 1.247 registros de suicídios nos municípios fumicultores e 837 registros de suicídios nos municípios não fumicultores no mesmo período. Nesse sentido, a autora defende uma intervenção urgente:

O levantamento realizado junto aos bancos de dados oficiais mostrou que há de fato números que comprovam haver suicídios em áreas produtoras de fumo que demandam investigações mais aprofundadas. Esses números provocam impactos em

vários níveis na sociedade, e devem ser encarados como alarmantes, na medida em que se trata de vidas humanas perdidas como resultado de um ato que poderia ter sido evitado. (BORGES, 2016, p.141)

Para a autora, a precariedade das condições de trabalho, a perda da autonomia, e descaracterização de sua identidade profissional comprometem a saúde mental (BORGES, 2016, p.142). Em alguns casos, o suicídio aparece então como a solução:

[...] a falta de reconhecimento de seu trabalho, a relação de desigualdade com a indústria do tabaco, a frustração e impossibilidade de planejar ganhos por não ter controle da situação de sua atividade laboral, as dívidas que podem ocorrer em função do sistema ao qual está integrado, dentre muitos outros observados e relatados nesta dissertação que podem igualmente provocar inquietudes, comprometerem a saúde mental, e em alguns casos, com alterações ou não de humor, motivarem e indicarem como solução o desaparecimento da vida através do suicídio. É o desfecho de um trabalho que se tornou vazio, para aquele cujas dores e adoecimentos físicos e mentais passaram silenciosamente ocultos na sociedade que se voltou apenas para a produção capitalista. (BORGES, 2016, p.142)

O suicídio é de fato assunto recorrente nos campos onde se produz o tabaco. Chegou até as universidades e centros de pesquisa, adentrando também no presente trabalho de conclusão em Jornalismo.

3 JUSTIFICATIVA DA ABORDAGEM

3.1 Do Tema

Em nosso país pouco se fala sobre saúde mental no campo. Em geral, as políticas públicas de saúde mental engatinham nos municípios afastados dos grandes centros. O estabelecimento de um serviço nacional de cuidado psicológico e multidisciplinar no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) é, ainda, recente. Foi principalmente a partir de 1980 que movimentos sociais garantiram a criação do modelo de Centro de Atendimento Psicossocial (CAPs), aprofundando o debate sobre a assistência psicossocial no sistema público de saúde brasileiro. No entanto, a rede de cuidados básicos ainda carece de estrutura e respostas aos desafios da saúde mental em contextos não-urbanos. Como apontam os pesquisadores Magda Dimenstein e Maurício da Costa Neto,

O debate sobre atenção em saúde ainda é urbano e etnocêntrico, isto é, não é sensível às peculiaridades socioculturais de outros contextos. Isso é reflexo do colonialismo de saberes e práticas no campo da saúde, o que contribui para a manutenção das iniquidades que marcam a história de vida das populações rurais, por exemplo. (DIMENSTEIN, COSTA NETO, 2017, p.2)

No artigo da citação acima os autores fizeram uma revisão das obras que tratam da saúde mental em contextos rurais e constataram que há poucos estudos dedicados ao assunto em nível internacional e nacional. Segundo a pesquisa, no Brasil um dos poucos estudos sobre a questão, o levantamento da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG, 2013) aponta que os principais prejuízos de saúde encontrados no campo podem ser conectados a sofrimentos de base psicossocial relacionados às condições de vida e trabalho no campo. O levantamento aponta que os agravos mais comuns são insônia, problemas de coluna, dores de cabeça constantes, disfunções gastrointestinais, alergia/problema de pele e hipertensão. Nesse sentido, os autores apontam que,

a pobreza, desigualdades no acesso à terra e fatores ambientais têm disseminado efeitos psicossociais nas populações do campo. A fome, violência, traumas, dor, humilhação, e falta de reconhecimento vividos por segmentos sociais subalternizados podem se configurar como fatores mediadores de sofrimentos variados. Logo, a privação múltipla de bens e serviços impacta negativamente na saúde mental da população (SILVA, SANTANA, 2012).

Pesquisar o adoecimento mental no campo emerge então como uma necessidade atual. Considerando que o jornalismo é capaz de produzir conhecimento social, contribuindo com sínteses úteis para a sociedade, seguindo o proposto por Adelmo Genro Filho, apostamos na investigação da saúde mental das famílias produtoras de fumo. A partir do que propõe a teoria de Genro Filho, encontramos na realidade de adoecimento dos produtores de tabaco uma expressão singular do sofrimento mental no campo. Explorar jornalisticamente um temática, seguindo a práxis proposta por Genro Filho, presume, invariavelmente, traçar uma síntese que questione e construa possibilidades de transformação social. Como observa o teórico,

A singularidade tende a ser crítica porque ela é a realidade transbordando do conceito, a realidade se recriando e se diferenciando de si mesma. (GENRO FILHO, 1987, p. 212 apud MEDITSCH, 1997, p. 9).

A busca por entender as razões dos altos índices de adoecimento mental entre famílias fumicultoras solidifica um caminho de investigação em que aspectos materiais mesclam-se, obrigatoriamente, com nuances da vida das pessoas, extrapolando assim uma análise economicamente centrada. Compreender como operam as consequências de determinado sistema de produção, na dimensão psicológica, exige a análise de marcadores de saúde e a escuta atenta para sensações e sentimentos.

A temática psicológica exige uma abordagem diferenciada do jornalismo explicativo, informativo clássico. Nesse sentido, a escolha pela angulação do tema em nosso trabalho parte mais de uma escuta sensível da realidade do que de levantamentos, diagnósticos. Para nós, a singularidade sobre a qual se ergue a pauta surge da interpretação de elementos sutis da realidade: sonhos, estresse,

desejos e sentimentos das pessoas que entrevistamos. Assim, a singularidade que motiva nossa narrativa é a ocorrência de depressão e ansiedade em locais calmos, distantes do frenesi urbano. Nos chamou atenção a angústia que corrói por dentro essas(es) fumicultoras(es) pessoas que vivem em regiões pacatas, a exuberância da natureza externa nas paisagens e a miséria na saúde mental das pessoas. É interessante assinalar aqui a abordagem que elaboramos para registrar que processo de construção da narrativa foi mais intuitivo, marcado pela sensibilização com o real, do que lógico ou racionalizante. Essa foi para nós, uma experiência inédita que, em parte, justifica nossa escolha pelo tema.

Se por um lado pouco se fala -- e se escreve -- sobre a condição de vida e saúde das(os) trabalhadoras(es) rurais, menos ainda é dito sobre as nuances psicológicas destas(es) brasileiras(os). A realidade social vivenciada pelas famílias fumicultoras une um cotidiano de trabalhos extenuantes e à incerteza da remuneração, tornando corriqueira a ocorrência de depressão e ansiedade. As psicólogas da Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos), Laura de Castro e Janine Monteiro ilustram:

O sofrimento desses agricultores está permeado por um estado constante de preocupação e ansiedade. A busca pela garantia de rentabilidade define o fazer diário dos fumicultores e explica os excessos aos quais se submetem. Expõem-se ao envenenamento e à intensificação do esforço físico para garantir o lucro. O prazer é desfrutado ao mínimo nessa dinâmica potencialmente adoecedora, em que manter a qualidade das folhas de fumo é mais importante para o agricultor do que preservar sua saúde. Algumas consequências da dinâmica de sofrimento do cultivo do tabaco foram descritas pelos participantes: o trabalho infantil foi apontado como indispensável, os conflitos familiares como a única alternativa para descarga das pulsões tensionais, o consumo de álcool e de tabaco elencados como estratégias para suportar o sofrimento, o suicídio como alternativa aos fumicultores que precisam dar fim ao seu sofrimento em razão do endividamento. (CASTRO, MONTEIRO, 2013)

Complementando a análise, profissionais de saúde de municípios fumicultores entrevistadas durante a apuração da reportagem ressaltam a saúde mental como principal fragilidade da população local. Para o médico Luis Eduardo Andrade, que há mais de 10 anos trabalha em um posto de saúde rural no município de Santa Terezinha, “o principal problema da região é saúde mental. Tem um consumo muito grande de antidepressivos, principalmente”. Em palavras muito similares, a psicóloga de Leoberto Leal, outro pequeno município dedicado à produção de fumo, aponta que o sistema da fumicultura aliado à herança cultural gera os altos índices de depressão e ansiedade verificados na região. Segundo ela, endividamento frequente, incerteza de lucros, herança cultural do trabalho como valor maior e isolamento geográfico são os principais fatores para o adoecimento.

Entrevistas com diversos profissionais de saúde e famílias fumicultoras sinalizam que o uso de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos é naturalizado, comum. “Entrou para o costume, é cultural já. Uma vizinha passa para a outra o conselho de tomar remédio”, contou Aglae Reichardt,

técnica em enfermagem que trabalhou mais de 20 anos no posto de saúde central de Santa Terezinha. Apesar de generalizada, a ‘cultura do remédio’ é bem mais presente dentre as mulheres fumicultoras.

O número significativamente maior de mulheres que tomam medicamentos psiquiátricos nestes territórios possui múltiplas causas. E há poucos estudos que se desdobram sobre as condições de saúde mental das mulheres do campo, especialmente aquelas dedicadas à fumicultura.

Nesse sentido, a angulação da temática no nosso trabalho aparece necessariamente vinculada a um recorte de gênero. A estrutura patriarcal e a cultura machista que coloca as mulheres em posição de dependência dos maridos aparece gritante na realidade rural.

3.2 Da angulação

“Isso que vocês chamam de amor é trabalho não remunerado.” A frase que ficou famosa nos círculos feministas nos últimos anos sintetiza as análises que a teórica Silvia Federici sobre os trabalhos historicamente relegados às mulheres nas sociedades ocidentais. A autora italiana descreve como as tarefas e esforços ‘femininos’ são fundamentais para a manutenção da vida, do trabalho, da produção. A observação dos chamados trabalhos de reprodução à luz das teorias feministas nutriu de forma basal a interpretação que elaboramos ao longo da apuração. Assim, num movimento orgânico, a angulação da reportagem caminhou para a investigação mais profunda das condições das mulheres fumicultoras. Se almejávamos abordar relações entre trabalho e saúde, era portanto crucial que nos dedicássemos para reportar aqueles trabalhos invisíveis.

Em geral, as mulheres fumicultoras tomam mais medicamentos do que os homens, trabalham mais horas, mas falam bem menos. Os pontos que nos geravam curiosidade durante a apuração - sobrecarga de trabalho, pouca e incerta remuneração, uso de calmantes e ansiolíticos, dependência financeira, exaustão mental - assumiam novos contornos na experiência feminina. Aos poucos percebemos que era necessário ativamente trazer para a narrativa essas particularidades, optando por destacá-las. Como a estrutura da sociedade tende a invisibilizar a experiência, os trabalhos e as vozes femininas, nós decidimos pelo movimento inverso.

Outro elemento da realidade que determinou a angulação de nosso material foi a reflexão que elaboramos sobre o sistema de produção integrada. Assim como as injustiças do machismo nas relações e na divisão de trabalho são naturalizadas, a subserviência às indústrias do cigarro é normalizada nas roças de fumo. Há uma atmosfera de resignação que paira sobre as famílias fumicultoras. A mistura do “é assim que é, não tem o que fazer” com os relatos sobre dívidas despertaram em nós a vontade de reportar detalhes da engrenagem econômica. Como escolhemos preparar um material que não fosse economicista, ou seja, que desse centralidade para os contornos da estrutura econômica, partimos em busca das consequências dessa estrutura nas experiências humanas.

Dessa forma, nos propomos a contar histórias de um cotidiano marcado por exploração, mas decidimos por mostrá-las através de imagens e relatos pessoais, dando menor importância aos índices e taxas econômicas.

Ao longo de toda produção, a narrativa foi guiada pela intenção de sensibilizar, ao valorizar sutilezas das subjetividades das fontes retratadas, com o objetivo de aprofundar a empatia.

3.3 Do formato

A escolha do formato multimídia aconteceu porque ambas têm interesse em audiovisual, textos e narrativas online. Existia a vontade de produzir imagens, textos e experimentar formatos. Assim, esse foi o suporte que mais acolheu nossas intenções. A preocupação com a acessibilidade do material também pesou nessa conta: desde o princípio queríamos que nosso material fosse facilmente visto, gratuito. Logo, opções impressas ou grandes narrativas em vídeo nos pareceram menos estratégicas.

O material audiovisual ocupa uma parte central da narrativa multimídia. As imagens e sons foram captados com a intenção primordial de aproximar, submergir as(os) espectadores na realidade retratada a partir de um discurso imagético sensível. Sensível aqui como característica da postura na captação: permeável às sensações, sensorial. O esforço na produção audiovisual foi de desconstruir a dicotomia entre as experiências sensível e cognitiva. Para isso, usamos imagens de cobertura que, aparentemente vazias de um conteúdo denotativo, são mais sensações do que explicações.

Nessa empreitada nos alimentaram as leituras sobre filme-ensaio como gênero que, ao extrapolar o modelo documentário, permitem uma visão mais interpretativa do mundo. A partir de reflexões elaboradas pelo teórico e pensador de fotografia Arlindo Machado, refletimos sobre a codificação do mundo real, visível, realizada pela câmera. Entendendo que o processo de captura não é nunca vazio de intenção, edição, subjetivação e conseqüentemente, criação. Nos livramos da noção de que uma câmera ligada produz reflexo verossímil da realidade necessariamente.

O formato que escolhemos para a fotografia do trabalho aparece como um resultado das concepções que desenvolvemos ao longo da experiência com o real. Assim, admitimos que nossas imagens refletem nossos pensamentos, criando novos sentidos e novas realidades. Não encaramos nossos vídeos - mesmo as entrevistas brutas com áudio e imagem sincronizados tal qual a cena original - como uma expressão natural, orgânica do real. Assumimos a construção da narrativa a partir do momento em que convertemos o real em discurso. Nesse sentido, pesaram as leituras de Machado:

Associada a essa crença no poder da tecnologia para fisgar alguma coisa que pode ser chamada de “real” está subentendida também uma estranha forma de ontologia, que pressupõe o mundo concreto e material como já constituído em forma de discurso, um discurso “natural”, que “fala” por si e com seus próprios meios, ao

qual é preciso apenas prestar atenção e respeitá-lo, mas sem afetá-lo ou impor sobre ele qualquer outro discurso. (MACHADO, 2003)

Ainda no audiovisual, dentre as referências primordiais destacamos Dziga Vertov, Eisenstein, Jean-Luc Godard, Zhao Liang e Agnes Varda.

Em relação ao texto, no início optamos por um formato mais subjetivo e solto. Neste momento, almejávamos contar histórias de forma menos linear e explicativa. Iniciamos o trabalho lendo como referências de texto Clarice Lispector e W.D. Sebald. Ao longo do caminho o formato textual foi se alterando e enveredamos por um caminho mais denotativo. Para a lapidação do formato final contamos especialmente com contribuições da orientação de Daisi.

Estruturalmente, o formato foi pensado para abarcar em igual importância imagens, áudio e texto. Buscamos montar peças interativas, trazendo esses elementos para os hábitos nativos *online*: clicar, descer a barra de rolagem rápido à procura de imagens e textos chamativos.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Pré-apuração

O primeiro contato que tivemos com o tema se deu em abril de 2019, durante a apuração de uma vídeo-reportagem que seria enviada para concorrer a seleção do Globo Lab - *Profissão Repórter*. A equipe do programa esteve na UFSC apresentando o projeto, que busca percorrer o país para debater sobre a produção audiovisual de jovens jornalistas e refletir sobre novos formatos midiáticos. Clarissa tinha contato com a cidade de Leoberto Leal, município localizado em uma região limite entre a Grande Florianópolis e o Alto Vale do Itajaí, e havia percebido que na região poderíamos encontrar histórias interessantes. Fomos para lá com algumas ideias na cabeça sobre a desigualdade de gênero e o cotidiano das mulheres, mas sem ter uma noção concreta do que seria feito. Tínhamos vontade de chegar na cidade e nos guiar pelos relatos que aparecessem no caminho e chamassem atenção. As fases de produção deste Trabalho de Conclusão de Curso, portanto, se entrelaçam com o caminho percorrido por nós durante a participação do Globo Lab. Os processos de pré-apuração, apuração e finalização não aconteceram de forma cronológica e sim sobreposta.

Ao ter acesso a um artigo que relatava o alto índice no consumo de benzodiazepínicos no município de Leoberto Leal nos surgiu a curiosidade de entender melhor os porquês da situação, de conhecer as famílias e ouvir as histórias e experiências que tinham para contar. De acordo com a pesquisa, esses remédios são utilizados normalmente para o tratamento de ansiedade, mas também são utilizados como 'remédios para dormir'. Em relação ao perfil dos consumidores desses medicamentos, a maioria é mulher (63%), e a prevalência média do consumo em relação à população total do município é de 5,75 / 100 habitantes. Quando é feita a distinção de sexo, os dados apontam que as

mulheres consomem quase o dobro desses medicamentos (7,53/100 habitantes) se comparadas aos homens (3,81/100 habitantes). (MEIRA, 2019).

Após sermos confrontadas com esses dados, a questão principal que nos surgiu foi: por qual razão essas pessoas, aparentemente vivendo em um lugar tão tranquilo, estão ansiosas e não conseguem dormir?

4.2 Apuração

Nossa ideia não foi de formular uma narrativa para apresentar causalidades, nem promover denúncias. A intenção foi de apresentar as nuances de uma realidade e expor a complexidade dos aspectos relacionados ao trabalho e ao mercado do fumo, as particularidades da região e como isso influencia no adoecimento das(os) fumicultores. Alinhadas com essa ideia, partimos para Leoberto Leal no dia 9 de abril em busca de famílias dispostas a compartilhar suas histórias.

Como é difícil entrar em contato por telefone/celular com os moradores, decidimos ir percorrendo as estradas e bater de porta em porta, até encontrar alguém para entender e conversar durante um dia de trabalho normal. Também levamos os equipamentos caso houvesse oportunidade de gravar relatos e fazer imagens da região e do processo de trabalho.

Nesse dia nós conhecemos Edirleia (Deia) Voitena e Ersio Alexandre, casal de fumicultores que planta fumo "desde que se conhece por gente". Ambos fazem uso contínuo de medicamentos para os nervos mas apenas a receita médica em nome de Ersio continha oito remédios psicoativos. Após a entrevista, fizemos pesquisa para ter uma noção da finalidade de todos eles. Cinco eram antidepressivos (Sertralina, Assert, Venlafaxina - este receitado em duas doses-, Carbolitium, Rivotril), dois para tratamento de esquizofrenia (Zopix e Risperidona) e um ansiolítico (Rohydorm). Ficamos com dúvida ao perceber que muitos tinham uma finalidade semelhante, e um tanto espantadas pela quantidade e dosagem. Mesmo sem ser da área da saúde, o uso contínuo de tantos remédios nos sensibilizou. Quando retornamos para o local onde estávamos hospedadas, percebemos que o microfone direcional não havia gravado as entrevistas feitas, o que nos forçou a voltar no dia seguinte para entrevistá-los novamente. Essa segunda visita nos permitiu uma conversa mais profunda, onde Ersio relatou mais detalhadamente sua visão sobre a fumiicultura, sua preocupação com o impacto na saúde dele e da esposa pelo uso prolongado de medicamentos e sua relação com o trabalho. Inclusive, durante a conversa soubemos que os remédios de Deia eram autorizados na mesma receita que a do marido. Deia quase não falou durante os momentos que estivemos juntas, e a sensação era a de que ela não se sentia no direito de fazê-lo. Quando era questionada sobre algo, sempre buscava o olhar do marido, não para ter aprovação, mas procurando ajuda no elaborar da palavra. Visivelmente sob efeito dos remédios, ela nem ao menos tinha receita deles em seu nome.

No mesmo dia da primeira visita a Deia e Ersio, conhecemos a fumicultora Ivonete Cruz. Ela toma de remédios para dormir desde o nascimento da filha mais nova, há 16 anos, momento em que enfrentou depressão pós-parto. A fumicultora tornou mais compreensível para nós a dimensão e a sobrecarga de trabalho na vida das mulheres do campo. Em relação ao uso de remédios, não parecia haver alternativa, ou incentivo externo, capaz de dar conta de questões básicas para um tratamento eficaz e adequado. Como ela iria na psicóloga, visto que o consultório é longe e a consulta cara pesada demais no orçamento? Ela nos dizia: "vou até lá conversar com a psicóloga, passando nesses morros onde você desvia de um buraco e já tem três esperando, para quê? Conversar eu converso com vocês". Essa fala é um exemplo de como está enraizada a medicina preocupada em diminuir sintomas e aliviar a dor (psíquica ou física), mas que não se atenta tanto para prevenção/promoção/acompanhamento da saúde. A Psicóloga Janaína Souza nos relatou que o sistema de saúde na região e os próprios gestores ainda possuem forte ligação com a velha saúde pública e com o modelo biomédico. De acordo com ela, esse sistema foca apenas na eliminação de sintomas e doenças, e não em outros aspectos do bem estar humano.

Janaína participou de duas capacitações promovidas pelo Governo do Estado de Santa Catarina onde foram discutidos os motivos que levam os moradores da região do Alto Vale a terem muitos pensamentos suicidas. Segundo ela, os fatores que contribuem para o adoecimento mental são: 1) o uso de agrotóxicos organofosforados, 2) as especificidades do trabalho no campo, pois o cultivo, que gera renda apenas uma vez no ano, é sensível a mudanças climáticas; 3) Colonização germânica cuja cultura preza muito o trabalho e rigidez no comportamento. Ela aponta ainda a questão geográfica como especificidade de Leoberto Leal pois a cidade, cravada no fundo de um vale, é isolada e de difícil acesso, e portanto as opções de lazer e convivência são mais escassas.

A partir dessas reflexões produzimos a vídeo reportagem intitulada *Conservado em local seco: trabalho e adoecimento na produção de tabaco*. O vídeo foi selecionado pela equipe do *Profissão Repórter* e nós passamos uma semana na redação do programa, em São Paulo, reeditando a reportagem e discutindo sobre novos modelos audiovisuais junto com mais nove duplas vindas de muitas regiões do país. Decidimos, inclusive, reaproveitá-lo na reportagem, na parte sobre depressão e suicídio entre fumicultores, visto que gostamos da maneira sensível que estruturamos a narrativa.

A pedido das/os jornalistas do programa, fizemos uma segunda viagem a Leoberto Leal, no fim de maio, para pesquisar e capturar mais detalhes sobre o uso de agrotóxicos. Durante essa época do ano a atividade com o fumo geralmente é pausada, sendo retomada a partir de agosto com o plantio de mudas e posterior transferência para roça. Numa das estradas, porém, encontramos uma família que estava separando as folhas de fumo seco (as mais amareladas tem maiores chances de receber um preço mais alto, enquanto as folhas mais escuras são menos valiosas). Conseguimos boas imagens dessa etapa, algo que até então não tínhamos visto. A maneira como as mulheres daquela família eram

responsáveis pela produção também nos chamou atenção e apresentou mais uma - das tantas- nuances que se sobrepõem ao longo da cadeia. Ali não parecia ser uma casa doente, e fumicultora demonstrou ter uma visão da e um domínio de si bastante firmes. Nos contou que a vida no fumo era difícil, que dava muito trabalho, mas que não se podia deixar levar pelas dificuldades. Sua frase "a gente não pode maltratar o coração", querendo dizer para não oferecer mais atenção do que problemas merecem, ou não remoê-los, permanece até hoje fresca em nossa memória.

Continuamos com as pesquisas sobre o perfil socioeconômico de fumicultores e o uso de remédios psicoativos durante a reedição do vídeo em São Paulo. A partir da conversa com Amadeu Bonato, pesquisador do Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Sociais (Deser), conseguimos compreender a amplitude da cadeia produtiva de tabaco no sul do país e as estratégias que a indústria tabageira utiliza para se manter no controle da produção.

Fizemos a terceira viagem em outubro, ao município de Santa Terezinha, localizado nos limites entre o Planalto Norte e o Vale do Itajaí. Escolhemos o município pois ele é, dentre os três maiores produtores de tabaco de Santa Catarina, o que tem a menor população (3.365 habitantes, segundo o IBGE). E também, é claro, porque era a cidade natal do Gabriel Volinger, amigo querido que nos apresentou a sua família e nos hospedou durante os dias de apuração. Zida, sua mãe e Cris, sua irmã, nos deram contatos, ideias e dicas fundamentais e nos ajudando a traçar o caminho a ser percorrido de forma mais assertiva. Outro ponto importante foi de que o pai de Gabriel havia sido secretário de saúde no município, e isso nos facilitou o contato com algumas fontes e uma melhor compreensão relacionadas à saúde mental naquela região.

A primeira apuração em Santa Terezinha foi no sábado, 12 de outubro de 2019, numa entrevista com Itamar Rudnik, psicólogo que atende em Santa Terezinha. Seu relato tratou sobre o alto índice de depressão e ansiedade e a relação disso com a pressão pela alta produtividade. O jeito de viver dos moradores, influenciado pela cultura e tradição, foi bastante discutida. Itamar acredita que a criação baseada em castigos e repressão gera uma série de traumas que permanecem mal-resolvidos durante toda a vida dessas pessoas. Relações onde há pouco carinho, pouco aconchego. E como assim foram criadas, assim criam seus filhos. O ciclo vai se repetindo. Outro ponto discutido foi o isolamento das localidades afastadas do centro urbano, conhecidas como *tifas*, e a consequente falta de lazer na vida das pessoas. Semelhante aos outros psicólogos entrevistados, Itamar faz uma análise sobre o preconceito e resistência que existe em relação aos tratamentos psicológicos não medicamentosos pois, para a maioria dos moradores da região, "psicólogo é para louco". Itamar sugeriu que conversássemos com o médico Luís Eduardo Andrade, que também trabalha na região.

Em seguida fomos almoçar na festa paroquial, onde muitos fumicultores estavam presentes. Conversamos com muitas famílias e participamos de um dos poucos encontros coletivos de lazer na região. Houve o almoço com muito churrasco e receitas polonesas e ucranianas, depois o bingo com

prêmios diversos, e por fim o baile no salão, com dança e bebida. No evento conhecemos Sidnei Luíz, de 30 anos, que nos relatou ter pesadelos, ansia, dificuldade de dormir após ter muito contato com as folhas de fumo. Nos contou que trabalhava com fumo esporadicamente, mas o seu sonho mesmo era fazer fisioterapia -- e estudar que nem nós duas -- para virar massagista e cuidar das dores das pessoas.

No fim da tarde visitamos a psicóloga Karen Harbs, que também trabalha no município, cujo relato voltado às questões de gênero foi bastante marcante. Assim como Itamar, ela também acredita que a cultura local é um fator importante a ser considerado na leitura sobre os problemas de saúde mental dos moradores. A psicóloga nos trouxe informações e interpretações, e nos ampliou a consciência de como é profunda a desigualdade de poder das mulheres em relação aos homens. As violências relatadas são de caráter físico, sexual, moral, psicológico e econômico. Muitas fumicultoras, por exemplo, não têm acesso ao dinheiro do trabalho pois a fumageira envia para a conta do marido. Sabemos da naturalização do trabalho doméstico como dom exclusivamente feminino. Se no meio urbano o debate sobre esse tema avança em passos lentos, no campo é quase inexistente. É muito intensa e evidente a sobrecarga das mulheres nesse sentido. As palavras cativo, prisão, teia de aranha, aparecem com frequência nos relatos das fumicultoras. E isso é o que se vive. Mulheres que não tiveram acesso à escolaridade completa, vivendo isoladas e emaranhadas por relações repressoras, vão encontrar incentivo para sair dessa teia onde? Mulheres que trabalham na roça, fazem brotar dinheiro mas não veem sua cor, mantêm a casa em pé, cozinham a comida da família, mas respeitam sobretudo a figura marido e justificam esse ato "porque é ele que põe comida na mesa". A desigualdade de gênero, nesse sentido, está profundamente enraizada no pensamento das mulheres, dos homens, é reiterada a cada geração, é transmitida por herança. Karen não acredita, portanto, que a saúde mental seja exclusivamente relacionada aos venenos usados na roça. Eles são um agravante, sem dúvidas, mas há muito mais o que se analisar. As relações se estruturam de maneira doente, e se consolidam na medida em que esses sofrimentos psicológicos não são percebidos nem elaborados.

Foi Karen quem nos guiou e sugeriu a conversa com a fumicultora Simone Bodnar, único relato que tivemos sobre o rompimento desse ciclo de submissão e violência. Visitamos Simone na manhã de domingo. Simone não faz uso de remédios. Nos contou ter crescido na base da surra e do trabalho, e casou na esperança de construir uma vida diferente. O que encontrou junto ao ex-marido, porém, foi frieza e repressão. Era o mesmo tipo de relação que tinha vivido sob outras máscaras. Nas idas ao postinho houve apoio para lidar com a questão. (Mas será que em todos os postos de saúde é possível encontrar amparo semelhante?). Ali Simone contava o que acontecia consigo à Karen e sentia-se aliviada e compreendida. Com o resto da família, amigos ou vizinhos, não existia espaço para esse tipo de conversa. Isso nos dá uma pista sobre como, em alguns casos, o tratamento das angústias por vias não medicamentosas pode ser uma alternativa eficaz. Mecanismos como a

psicoterapia e a Lei Maria da Penha cumpriram papel importante para ajudar Simone a superar a situação.

O médico Luís Eduardo Andrade nos recebeu no fim do dia para a entrevista. Como trabalha há mais de 10 anos na cidade, sua leitura sobre a situação foi bastante detalhada. Disse que organicamente as pessoas são muito saudáveis, mas psicologicamente não. Para ele, muitos dos casos de depressão estão relacionados ao abandono de si, num sentido de colocar o trabalho no patamar mais alto de importância na vida. Luís confirmou muitos relatos anteriores. Também acredita que a cultura da região influencia em como as pessoas se relacionam. Para ele, a ideia de que é preciso aguentar os problemas porque a vida é assim mesmo está marcada na memória inconsciente dos habitantes. Em relação às questões afetivas, uma revelação marcante foi quando disse nunca ter visto um casal de mãos dadas nesses dez anos de trabalho Craveiro, localidade que faz parte do município de Santa Terezinha.

Na segunda-feira partimos perto das seis horas da manhã para encontrar alguma localidade onde os fumicultores estivessem fazendo a colheita das folhas. Conhecemos Onadir Nardi, o Toia, que trabalhava junto com cinco ajudantes na colheita do *baixeiro*, as folhas da parte interior da planta. Acompanhamos o trabalho durante algumas horas na roça e no transporte das folhas para a estufa. Toia nos relatou a dificuldade de conseguir alcançar um rendimento suficiente para viver de forma tranquila através do fumo. Percebemos que a intoxicação pela nicotina, *ou porre*, é um fato corriqueiro no cotidiano dos fumicultores que entrevistamos. É algo com o qual têm que lidar, não tem muito jeito. Uns encontram nos chás e ervas o alívio para os sintomas, outros trabalham mesmo sentindo mal-estar. Segundo Toia, seus ajudantes, calejados pelos anos de trabalho, estariam já "todos envenenados pela nicotina".

Também pudemos conversar com Márcia Schramm, casada com Toia, que toma remédios psicoativos há 18 anos. Dela escutamos a palavra *cativeiro*, muitas e muitas vezes. Discutimos sobre dependência econômica, e outra nuance se mostrou para nós nesse sentido. Por mais que Márcia tivesse superado essa questão, visto que juntou o próprio dinheiro ao abrir seu salão, a desigualdade de poder não foi sanada. O acesso ao dinheiro, portanto, é uma questão relevante para analisar a questão de gênero na região, mas não garante a liberdade por si só. Quando questionada sobre o que gosta de fazer, Márcia responde "trabalhar". O *cativeiro* continua. Os remédios também.

Durante a apuração, um hábito que desenvolvemos foi o de discutir e compartilhar nossas impressões após as entrevistas, e no fim do dia recapitular o que havia sido descoberto. Isso nos permitiu estar alinhadas quanto as principais ideias que seriam desenvolvidas adiante e perceber quais pontos ainda precisavam melhorar. Na segunda-feira à noite listamos todas as entrevistas e tópicos abordados em Santa Terezinha para saber se havia alguma brecha a ser preenchida até o dia da volta para Florianópolis.

Sentimos falta de um relato sob contexto geracional, de conversar com uma família cujos pais ou filhos também fossem fumicultores. Com a ajuda de Zida, mãe de Gabriel, entramos em contato com Theodora, 82 anos, e José, 86. Conversamos durante uma hora e meia com o casal, que chegou na região em 1962 e começou a plantar fumo seis anos depois. Ambos relataram as diferenças da produção na época, que se dava sem as tecnologias e os produtos de hoje (estufas controladas eletronicamente, fertilizantes e agrotóxicos). Theodora, quando jovem, fora proibida de estudar pelo pai e disse que tudo o que aprendeu foi a vida que ensinou. Conta, por exemplo, que quando teve sua menstruação pela primeira vez, não tinha onde buscar informação sobre o que significava aquilo em seu corpo. Soube apenas que tinha ficado madura. E que ia descobrindo sobre a vida assim, por si. Era uma vida de medo, de muitos tabus. Nessa época, se uma mulher engravidasse fora de uma relação fixa havia grande estigmatização e ela era marginalizada, excluída do convívio. Outro assunto abordado com o casal foi a ausência de estrutura da região na época os obrigava a ter "coragem, fé e apego a Deus". Não havia médico, parteira, igreja, escola, e os moradores tinham que se ajudar uns aos outros para conseguir ultrapassar os obstáculos de viver em uma região isolada. Quando questionada sobre o que gostava de fazer, Theodora responde "tudo isso eu gostava", referindo-se às funções da casa e da roça. Trabalho. Na opinião de Theodora, "o agricultor é a formiguinha mais baixinha que tem debaixo desse céu".

Percorremos cerca de cinco quilômetros até a casa do filho de Theodora e José, o fumicultor Rogério, 54 anos. Casado com Silvoni, 49 anos, ambos dividem a propriedade e o trabalho com o filho José Augusto, 25, e a nora Vanessa, 27. O casal mais velho conta como a produção mais fácil com o avanço tecnológico, e a produção familiar anual passou de cerca de 20 mil pés de fumo para os 100 mil atuais. Mas Rogério ressalta que, se a produção aumentou, os custos acompanharam esse avanço. Hoje paga-se caro pelos insumos, tratores, combustível, estufas, agrotóxicos. A relação com a fé de ambos casais é semelhante: são católicos, "mas não praticam". A família concorda que o trabalho das mulheres é mais pesado, é algo que parece ter sido bem compreendido por todos. Têm hábito de reservar momentos para o lazer, como passeios, piqueniques, acampamentos, tardes à beira do rio, festas. Dizem não viver apenas para o trabalho e no entanto percebem que são raras as famílias que se comportam da mesma maneira. Para eles, a chegada das tecnologias de comunicação na região afastou ainda mais as pessoas, já que agora é possível resolver muitas questões através da internet. Silvoni conta que há um ano não visita uma amiga vizinha que mora próximo a sua casa. Ela não acredita que o tempo tenha diminuído, mas que as pessoas deixaram de guardá-lo para esse tipo de interação, deixaram de ser unidas. Todos reclamam e têm consciência da posição privilegiada das fumageiras e sentem que as negociações acontecem de forma injusta. "Mas como é que tu vai brigar com uma empresa dessas?", questionou Rogério.

Outro ponto que percebemos durante essa etapa de trabalho é que há muita desinformação pelo caminho. E isso parece acontecer mais como estratégia de atuação dos grupos que controlam a cadeia produtiva para se manter em posição privilegiada do que uma dificuldade da população em ter acesso à educação. Historicamente há forte propaganda que pinta como lucrativo o cultivo do tabaco e que desacredita as pesquisas científicas. E aquelas que estudam sobre intoxicação e saúde mental relacionada ao grande volume de agrotóxicos por hectare não ficam de fora desse comportamento que visa desqualificar o debate.

Uma situação onde a estratégia de desinformação ficou evidente foi no recente lançamento do documentário *Vidas Tragadas*, realizado pela Papel Social, que denuncia violações de direitos humanos na produção de tabaco no sul do Brasil. Participamos de grupos que reúnem fumicultores no Facebook, e imediatamente após o lançamento houve uma série de ataques e ameaças ao diretor da organização, Marques Casara, responsável pelo documentário. No livro *Roucos e Sufocados* os autores João Peres e Moriti Neto constataram o mesmo comportamento das fumageiras:

Seja com as táticas de enxame e ruído de *trolls* - perfis criados para tumultuar o debate na internet -, seja pelo trabalho de agentes políticos, como parlamentares nos níveis estadual e federal, a fundamentação argumentativa importa pouco. O que ganha relevância na estratégia da indústria são as frases de efeito, os chavões e a via discursiva que busca o constrangimento dos atores que lhe fazem oposição. Apesar de adaptada a uma ideia com ares de modernidade (o conceito de rede), a estratégia é velha: repetir mentiras incansavelmente para que se tornem "verdades" perante uma parcela da sociedade. (NETO, PERES, 2018)

4.3 Edição e Finalização

A edição do materiais captados foi dispersa ao longo dos meses em que nos dedicamos à pauta. Em maio e junho editamos o vídeo produzido em Leoberto Leal. Fizemos esta etapa alternando na utilização de um mesmo computador, utilizando o *Adobe Premiere Pro*.

Em outubro, quando regressamos da segunda viagem de apuração - Santa Terezinha - nos reunimos para roteirizar a reportagem e dividir tarefas. Para que pudéssemos construir a narrativa, optamos por antes transcrever e sistematizar as entrevistas que havíamos feito. Por mais que tivéssemos feito a apuração juntas e refletido continuamente sobre o tema, foi difícil chegar na estrutura da narrativa sem o processo de transcrição e sem perceber o que de fato havia sido colhido durante todos os meses. Fizemos tudo isso em uma pasta compartilhada online.

Para planejar a estrutura da reportagem pensamos muito na acessibilidade de nosso material. Entendendo que o consumo de jornalismo é majoritariamente *mobile* decidimos que seria importante

planejar nossa narrativa levando em conta estética e hábitos de consumo de informação por pessoas que estão acostumadas a acessar a internet centralmente no celular. Assim, buscamos ter em nosso material partes de consumo interativo e fácil. Decidimos abrir a longa reportagem com slides multimídia que se parecem com *stories* do *Instagram* e *Facebook* para que a absorção da narrativa estrutural da matéria fosse simples e acessível para aqueles que não leem grandes textos jornalísticos online. Usamos como referência de narrativa e arquitetura de informação os especiais: *The Uninhabitable Village* e *The Hunted*, do *New York Times*.

Paralelamente nos dedicamos à redação de um texto mais longo para detalhar os muitos aspectos da narrativa. Dividimos a redação a partir do que ambas tinham vontade de se dedicar. Neste momento, não pudemos dividir a edição do material audiovisual pois apenas um computador tinha o programa. Aos poucos elaboramos e lapidamos conjuntamente o que cada uma de nós havia produzido, sob orientação de Daisi.

Nosso objetivo foi criar uma plataforma que permitisse a ambientação do público ao tema. A página inicial apresenta uma série de slides com vídeos curtos e informações gerais sobre o que é a fumicultura, qual seu impacto no mercado brasileiro, como é o cotidiano das famílias fumicultoras e suas dores. Tivemos limitações técnicas nessa parte: havia a intenção de que os vídeos e sons ambientes fossem reproduzidos automaticamente, mas a plataforma Wix não permitia isso de forma gratuita. Conseguimos fazer com que os vídeos começassem sem um comando do público, porém foi preciso criar uma caixa de áudio em cada página, o que pode gerar confusão para quem estiver passando por essa etapa do trabalho.

Após essa apresentação do tema, dividimos o conteúdo em cinco partes. A ideia inicial era que fossem apenas três partes, para seguir a lógica do título "Rivotril, Enxada e Fé". Na parte "Rivotril" abordariamos o uso de remédios psicoativos, em "Enxada" falaríamos sobre as condições e o espaço que o trabalho toma na vida dos fumicultores, e em "Fé" seriam tratados os casos alternativos à dependência da fumicultura. Dada a complexidade do tema e do texto final, essa estratégia não conseguiu ser sustentada. Criamos, portanto, cinco categorias: Em "Toxinas" abordamos a dupla dependência de substâncias tóxicas: o uso excessivo de remédios psicoativos entre fumicultores e de agrotóxicos na fumicultura. "Amarras" é a parte do texto que discute a relação de extrema dependência entre fumicultores e empresas fumageiras. Em "Limite" abordamos o suicídio entre fumicultores. "Cativeiro" é o tópico que versa sobre a questão de gênero no campo, onde exploramos as nuances do que é ser mulher nesses espaços e a sobrecarga imposta à essas mulheres. O último tópico, "Recomeço", é um perfil sobre Simone, fumicultora que subverteu a dependência econômica e afetiva e hoje guia a própria vida e a da família com a fumicultura.

Os cinco tópicos são independentes e podem ser consumidos em qualquer ordem, de forma que é possível compreender o tema independente do caminho escolhido na hora de ler a reportagem.

5. RECURSOS

Como este TCC começou em uma apuração para a competição Globo Lab, iniciamos o trabalho contando apenas com recursos próprios. Após a semana de vivência junto à equipe do Profissão Repórter nos empolgamos mais com a pauta e decidimos inscrevê-la em editais para financiamento. Nos inscrevemos em um edital da *Fundación GABO* em parceria com a *Rosalynn Carter Foundation* focado em novas narrativas sobre saúde mental na América Latina. Fomos finalistas da competição, dentre 97 pautas inscritas ficamos no grupo das quatro melhor avaliadas. No entanto, não fomos selecionadas na peneira final que escolheu duas propostas. O resultado da competição não nos rendeu financiamento para a apuração mas deu fôlego e animação para continuar no tema. Assim, decidimos mobilizar recursos próprios e de amigos para a execução do trabalho.

Basicamente, utilizamos equipamentos próprios ou emprestados de conhecidos. Nos hospedamos na casa de amigos durante as viagens e para o deslocamento usamos o carro da mãe de Manoela. Optamos por nos hospedarmos na casa de amigos que viviam em Leoberto Leal e Santa Terezinha não só por economia: sabíamos que seria mais rica a vivência quanto mais imersas no cotidiano estivessemos.

5.1 Equipamentos, suportes de edição e finalização

Para gravação, usamos duas câmeras: Canon T5i, Nikon D5200 em todas as captações. Variamos os microfones utilizados em função dos que conseguimos emprestar de amigos. Algumas captações foram feitas com um microfone direcional modelo básico Rode, outras com microfone direcional modelo profissional Senneiser e em outros momentos usamos o microfone direcional compacto da marca Boya.

Para montagem e edição usamos o *Adobe Premiere Pro CC*, em nossos computadores pessoais.

Na finalização do material audiovisual, para a sonoplastia utilizamos sonorizações diversas baixadas do portal *Freesound*. Escolhemos trilhas sonoras compartilháveis sem necessidade de licença. Também utilizamos sons de ambiência - grilos, vento, etc- baixados no mesmo portal, livres de licença.

Para a colorização utilizamos um pacote gratuito de LUTs - pré configurações de gradência de cor aplicáveis no *Premiere Pro* - para harmonizar entre si os materiais e deixar a estética mais uniforme e atrativa no universo online.

Escolhemos a plataforma Wix para abrigar nossa reportagem pois possui estrutura de edição intuitiva, possibilitando a utilização de recursos multimídia na versão não paga. Diagramamos o portal em nossos próprios computadores, utilizando os suportes gratuitos do Wix.

O projeto gráfico foi concebido com fontes gratuitas disponibilizadas no portal *FontFabric* E *DaFont*.

6. CUSTOS

Viagem Apuração 1 - Leoberto Leal - 3 dias	Estimativa Gasolina	R\$ 120,00
	Estimativa Alimentação para duas repórteres	R\$ 240,00
	Pilhas Microfone	R\$ 12,50
	Hospedagem Solidária	R\$ 0,00
Viagem de Apuração 2 - Leoberto Leal - 2 dias	Ônibus	R\$ 164,30
	Estimativa Alimentação para duas repórteres	R\$ 160,00
	Hospedagem Solidária	R\$ 0,00
	Bateria Microfone	R\$ 35,00
	Caronas Solidárias	R\$ 0,00
Viagem de Apuração 3 - Santa Terezinha - 5 dias	Estimativa Gasolina	R\$ 240,00
	Auxílio Empréstimo de Carro	R\$ 350,00
	Presentes para Anfitriões	R\$ 52,50
	Hospedagem Solidária	R\$ 0,00
	Estimativa Alimentação para duas repórteres	R\$ 400,00
Finalização	Impressões	R\$ 25,00
Total	Três Viagens	R\$ 1.799,30

7 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Falar sobre a história de alguém é um processo delicado porque atribui significado. A palavra, escrita, falada, marca o agora de forma concreta. É preciso ter cuidado. Não por que ela tenha o poder de mudar o mundo. Mas por que pode afetar as gentes.

Fazer jornalismo é um processo de buscar em cada uma das fontes suas lembranças e impressões sobre determinado assunto e depois tentar compreendê-las em um seu contexto. A partir disso, elabora-se o produto, e por mais que tentemos imaginar e planejar, parece que assim que ele brota toma seu próprio rumo. Tal como a fala, e a vida, o que há de se fazer é criar e supor, porque o controle total ultrapassa alcance das mãos. E num trabalho feito por muitas e diferentes mãos, a flexibilidade é ainda mais necessária.

Foram muitos os desafios que encontramos pelo caminho percorrido para produzir a reportagem. O tema é um soco no estômago. Depressão e suicídio exigem atenção permanente e cautela ao interpretar o que se é ouvido para não cometer erros e conduzir a apuração para caminhos sem sentido. E para não ferir ninguém ao tentar conseguir alguns relatos e insistir demais porque a informação é relevante. Durante a apuração, constantemente fomos incentivadas a fazer o difícil exercício de escutar e não deixar preconceitos que carregamos tomarem conta da interpretação do que presenciávamos.

E quando alguém abre a porta para duas desconhecidas entrarem querendo conversar sobre algo tão íntimo ou abstrato, ali cria-se um tipo de confiança, uma conexão, que sinceramente acreditamos ser uma das coisas mais preciosas da nossa profissão.

Sobre as dificuldades para compreender como funciona a indústria do tabaco, acreditamos que isso aconteça por ela ser antiga. Criou raiz no sul do Brasil há quase um século e domina o setor desde muito tempo. Falar das empresas não é algo simples, porque seus nomes pairam pelo ar como fumaça. Nas roças, elas não se apresentam concretas. São distantes, quase como entidades, ou deuses. Tão grandes e poderosas e sobre as quais não se pode questionar. Mas não se pode deixar levar por essa sensação. Elas são concretas, existem, têm sede, diretoria, estratégia de controle de mercado, de comunicação, e fome de lucro, como toda grande empresa capitalista. Lucro a qualquer custo.

Discutimos com nossa orientadora Daisi sobre o fato de que determinados preços precisam ser decididos moralmente; a vida humana, e a qualidade de vida humana, têm de constar dentro da embalagem. Na indústria do tabaco, de acordo com as inúmeras pesquisas que foram feitas ao longo dos anos, e pela nossa própria interpretação, isso não acontece. Como uma empresa que enriquece pelo trabalho dos fumicultores fecha os olhos para a condição de vida a que eles são submetidos? Como acreditar na propaganda de que o Sistema Integrado é um modelo positivo e benéfico, se na prática é o fumicultor que carrega nas costas todos os riscos da produção, trabalha muito, intoxica-se, não dorme direito e não recebe o valor compatível com o que as folhas valem? Nutridas por essas

reflexões, tentamos deixar mais evidente o possível a desigualdade de poder que percebemos durante o processo de apuração.

Em relação à primeira reportagem, *Conservado em local seco*, apesar das falhas técnicas e do desafio de falar sobre depressão e suicídio em vídeo, fazê-la foi um processo bastante gratificante para nós, ambas distantes do meio de produção de telejornalismo estabelecido e reconhecido no curso. A experiência nos firmou a certeza de que, mais do que ter habilidades técnicas e seguir um modelo padrão, o que define uma boa reportagem é a escuta atenta das histórias e o comprometimento em conectá-las com os contexto onde estão inseridas, mesmo que seja um processo complexo e com muitas variáveis. Pudemos refletir sobre o que foi produzido junto com a equipe do programa e com Caco Barcellos, que de forma tão sensível nos trouxe sua visão de jornalismo e de forma assertiva lembrou sobre nossa responsabilidade em relação à desigualdade social no país. Nutridas desses aprendizados, percebemos que é possível encontrar brechas, ainda que em grandes veículos de comunicação. Um detalhe interessante é que das dez duplas selecionadas nesta edição do Globolab, três eram da UFSC, o que simboliza a qualidade e reconhecimento do trabalho jornalístico desenvolvido em nossa universidade.

Em algumas entrevistas aconteceu de, por estarmos tão focadas em conseguir determinada imagem, ou relato, não percebermos outros aspectos importantes no momento. Quando passamos pela família fumicultora que separava as folhas secas de fumo em Leoberto Leal, nem ao menos registramos seus nomes. Partimos direto para as perguntas, na empolgação de conseguir fazer imagens bonitas e ouvir os relatos. Em Santa Terezinha, entrevistamos Márcia e não fizemos ao menos uma foto dela, ou do ambiente em que vive. Estávamos focadas em fazer imagens de roças, da estufa, da folha, do trabalho duro que não demos a devida importância ao seu relato durante o momento em que estivemos juntas. O foco era o trabalho que os homens estavam fazendo. Acreditamos que talvez uma alternativa para não repetir esses problemas seja tomar o hábito de, antes das entrevistas, dividir algumas tarefas básicas, como quem irá ficar mais responsável pela fotografia ou vídeo, quem irá garantir a gravação do áudio, quem irá anotar corretamente os nomes e contatos, para não ter que as duas pessoas estarem pensando nisso paralelamente à condução da entrevista, que por si só já demanda muita atenção.

A pressa em terminar logo a viagem de Santa Terezinha fez o processo se tornar cansativo, já que fazíamos muitas entrevistas num mesmo dia e às vezes não havia tempo para elaborar com calma e refletir sobre o que se tinha escutado. Mas acreditamos que a experiência serviu para nos fazer compreender que é preciso mais planejamento, organização e calma nas atitudes, e que essas são etapas fundamentais para que o trabalho aconteça com qualidade.

Uma dificuldade específica foi em relação ao transporte. Como apenas Manoela dirigia, e as estradas eram longas, difíceis, a sobrecarga dessa função tornou mais difícil o processo de apuração,

principalmente na última viagem. As distâncias eram maiores e o trânsito exigia atenção a todo momento, afinal um erro e a consequência pode ser muito grave. Isso cansa, em alguns casos dá ansiedade, e obviamente reduz a quantidade de energia na hora de entrevistar alguém ou fazer longas reflexões sobre os relatos. Mas faz parte do trabalho de reportagem.

8 LINK PARA A REPORTAGEM MULTIMÍDIA

<https://tcclarimano.wixsite.com/tccclarimano>

REFERÊNCIAS

AFUBRA. **Perfil do Fumicultor**. 2018. Disponível em: <<https://afubra.com.br/perfil-fumicultor.html>> Acesso em 20 de novembro de 2019.

ALMEIDA, Guilherme Eidt Gonçalves de. **Fumo: Servidão moderna e violações de direitos humanos**. Terra de Direitos, Curitiba, 2005. Disponível em: https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/594_Fumo_serv_moderna_livro.pdf: Acesso em: 17 nov. 2019.

BONATO, Amadeu. **Perspectivas e desafios para a diversificação produtiva nas áreas de cultivo de fumo - a realidade da produção de fumo na região Sul do Brasil**. Curitiba: DESER. 2007.

BORGES, Vera Lúcia Gomes. **Análise do processo de trabalho de Produtores de tabaco no Brasil e sua possível relação com os casos de suicídios em áreas fumicultoras do país**. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2016.

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-983427>. Acesso em 17 de novembro de 2019

DESER.org. **De olho no mundo do tabaco: pela valorização do trabalho, da saúde e da vida. Fumo e mercado mundial: manipulação por parte das fumageiras.** Curitiba: DESER, 2013. Disponível em: <http://www.deser.org.br/>. Acesso em 2 de outubro de 2019.

FALK, J. W. et al. **Suicídio e doença mental em venâncio aires, RS: consequências do uso de agrotóxico organofosforados.** Relatório preliminar de pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FARIA, N. M. X, et al. **Association between pesticide exposure and suicide rates in Brazil.** *Neurotoxicology*, v. 45, p. 355-362, dez. 2014.

_____ et al. **Estudo transversal sobre saúde mental de agricultores da Serra Gaúcha (Brasil): a cross-sectional study about mental health of farm-workers.** *Revista de Saúde Pública*, v. 33, n. 4, p. 391-400, 1999.

_____. **Trabalho rural e intoxicações por agrotóxicos.** *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1298-1308, set./out. 2004.

HARTWING, Marisa. **As relações de trabalho no sistema integrado de produção da indústria de fumo.** Tese (Doutorado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/175310/345492.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 de Novembro 2019.

MACHADO, Arlindo. **O Filme-Ensaio.** Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação Audiovisual, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação. Belo Horizonte. 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1868450877361748090053890711836232551.pdf> Acesso em: 12 nov 2019.

_____. **Eisenstein - Geometria do Êxtase.** São Paulo: Brasiliense. 1983.

_____. **A Ilusão Especular.** São Paulo: Brasiliense. 1984.

MEIRA, Bianca Daniela; SILVEIRA, Adalberto. **Uso de benzodiazepínicos em Leoberto Leal: um estudo sobre o perfil dos usuários.** Centro Universitário Leonardo da Vinci. Florianópolis. 2019. Disponível em: http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/index.php/pos-graduacao/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas-a-partir-de-2018/ciencias-da-saude/especializacao-2/92_1-uso-de-benzodiazepinicos-em-leoberto-leal-um-estudo-sobre-o-perfil-dos-usuarios/file Acesso em: 20 de novembro de 2019.

Ministério da Economia. **Comex Vis: Principais Produtos Exportados.** Comex Vis: Principais Produtos Exportados. Disponível em: <

<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-ppe?ppe=1201>> Acesso em: 20 de novembro de 2019.

RIQUINHO, Deise Lisboa; HENNINGTON, Elida Azevedo. **Health, environment and working conditions in tobacco cultivation: a review of the literature**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1587-1600, June 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000600022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 Nov. 2019.

The WHO Framework Convention on Tobacco Control. **Policy options and recommendations on economically sustainable alternatives to tobacco growing**. Disponível em: <https://www.who.int/fctc/treaty_instruments/Recommendations_Articles_17_18_English.pdf?ua=1> Acesso em: 20 de novembro de 2019

ZIZEK, Slavoj. **Problema no paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ANEXOS

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Manoela dos Santos Bonaldo, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 15201494 declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Rivotril, enxada e fê** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 22 de Novembro de 2019



Assinatura

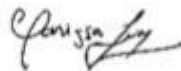
DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Clarissa de Oliveira Pinto Levy, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 14201784 declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **Rivotril, enxada e fé** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 19 de novembro de 2019



Assinatura do(a) aluno(a)